

assim, o humano se expandia como gás aquecido, sob a benevolência compreensiva de sua sabedoria política. Aos que queriam fazer, acreditando no mérito da ação bem intencionada, abria caminho, caminho para que cada um a si mesmo se encontrasse.

A Faculdade foi o tema de sua vida: com ela se identificou. Por ela viveu numa comunhão de aspirações. Serviu com fidelidade à Universidade, na qual exerceu altos encargos com seriedade e dedicação, essa Universidade que valia muito porque era a moldura que cercava a Faculdade, esta, a sua ternura confessa.

Agora que ele se despediu, certo, a Faculdade, no imenso vazio que deixou, continuará a ser sem ele. Mas todos sabemos que, com ele, um ciclo de sua história se fecha. E que a melhor forma que nos resta de bem guardar a lembrança do tanto que a amou é lutar ainda para não desmerecer a herança, e preservar sua unidade e nobreza. De onde está, por vontade de Deus, onde nos ouve na meia voz da saudade, certo, ele espera que a Faculdade que continua, tudo fará para que o dom que a ela fez de uma existência inteira de dedicação, não tenha sido vão, para uma obra frustrada. Temos, senhores, que resguardar o legado que nos deixou, de sua inteligência e de seu coração.

E por último, neste pretoito de fidelidade a ele e a tudo quanto mais amou, queremos em nome desta Congregação, expressar aos seus entes mais queridos, — dele, que tanto soube esbanjar sua afetividade —, o quanto a tristeza comum nos une. A seu bom pai que no-lo deu, à esposa, a nossa Maria Regina, que com ele viveu a vida do lar e a vida de nossa Faculdade, e a seus filhos e parentes, dos quais tanto tempo de convivência com ele tomamos para nós, a expressão sentida de nossa solidariedade na dor, e de nossa fidelidade na lembrança, lembrança que o tempo não apagará nesta Escola a que ele dedicou a vida, e que agora lhe dará vida em sua história. Este adeus na vida é um “seja bem-vindo” nesta lembrança, bem-vindo na história a que serviu, e que agora o servirá para sempre.

*

EURÍPEDES E A ANPUH

Raul de Andrada e Silva

A todas as iniciativas que tomava, tinha Eurípedes Simões de Paula o condão de comunicar a carga vital que sempre o animou, em tudo que

empreendia. E isto, com aquela natural simplicidade, que era um dos traços mais cativantes da sua personalidade inconfundível.

Foi um homem que nada soube fazer sem entusiasmo. O entusiasmo com que, ainda não concluído o curso jurídico, ingressou na então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, núcleo da USP, quando de sua fundação, em 1934, para licenciar-se em história, logo na primeira turma; o entusiasmo com que prosseguiu na carreira universitária e se dedicou ao seu magistério, na qualidade de assistente e colaborador mais abalizado dos nossos mestres Fernand Braudel e Jean Gágé; o entusiasmo com que elaborou suas teses de doutoramento e de Cátedra, e impulsionou os estudos da disciplina de sua especialidade: a História da Civilização Antiga e Medieval; o entusiasmo com que fundou e manteve até o seu número 112 essa nunca assaz louvada **Revista de História** a qual, cessada a publicação dos **Boletins** das Cadeiras de História, na Faculdade de Filosofia, veio a ser, por muitos anos, o único veículo de divulgação continuada e regular da produção histórica de professores e estudantes da USP, abrindo ainda o espaço de suas páginas aos escritos dos pesquisadores e mestres de outros rincões do Brasil e do estrangeiro; o entusiasmo com que participou da fundação da Sociedade de Estudos Históricos a qual, numa alternância de ascensões e descensos, sobreviveu e ainda recentemente se reagrupou, na estimulante convocação de Eurípedes, como seu Presidente; o entusiasmo com que, sempre animado do seu espírito de pioneirismo, prestou mais um inestimável serviço aos estudos históricos, instalando na sua Faculdade, um Centro de Documentação, onde se encontra farta matéria-prima a ser utilizada por quantos se consagram ali à docência e à pesquisa.

Pois foi com essa mesma flama que ele pôs em ação mais um gerador de cultura histórica, mediante a instituição da Associação Nacional de Professores Universitários de História (ANPUH), de que foi o principal criador, aliado a outros expoentes do magistério superior, como Sérgio Buarque de Holanda, Alice Piffer Cannabrava e Eduardo d'Oliveira França.

Reverenciando a memória do Prof. Eurípedes Simões de Paula, a quem me liguei por uma inalterável amizade, ao longo de quarenta e seis anos, quero recordar mais essa realização sua, numa breve evocação repassada de saudade, deixando ao mesmo tempo o meu testemunho sobre o engrandecimento da ANPUH, que acompanhei desde os seus primeiros passos.

Disse-me certa vez Eurípedes: "Não me tenho em conta de Historiador. Sou apenas um professor de História". Excesso de modéstia, evidentemente, pois ele era um Historiador, como o demonstram à saciedade suas teses

universitárias e outras obras suas. Era, porém, verdadeiro o conceito, no sentido de que sua vocação maior, sua paixão quase absorvente, foi de fato o magistério, bem como os problemas ligados à docência e à pesquisa: o levantamento das fontes, a publicação de trabalhos de investigação e síntese, a estruturação de equipes de trabalho, o convívio e a troca de idéias entre os que cultivam a História, a arregimentação dos “homens de boa vontade”, a quem abriu as portas da sua já legendária Revista. Foi esse incoercível pendor para congregar os que lavram o campo da História e somar os esforços dos que mourejam nessa labuta, que o levou a planejar o estabelecimento da ANPUH.

O passo inicial foi dado quando Simões de Paula, então Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, de Marília, promoveu, com o decidido apoio do seu corpo docente e dos colegas da USP, o I Simpósio de Professores de História do Ensino Superior, em 1961. Foi o primeiro toque de reunir, tão sonoro e vibrante, que a ele acudiram figuras das mais representativas do magistério nacional e estrangeiro. Lá estiveram, proferindo substanciosas conferências, nomes como Pedro Calmon, então Reitor da Universidade do Brasil, Michel Mollat, da “Sorbonne”, Arthur César Ferreira Reis; e assumiram a direção das discussões em torno dos diversos temas desse conclave os Profs. Eurípedes Simões de Paula, Eduardo d’Oliveira França, Alice Piffer Cannabrava, Eremildo Luís Vianna, Maria Yedda Linhares, Carl Laga, Olga Pantaleão. O temário constava de questões de currículo e metodologia do ensino universitário. Essa a preocupação dos orientadores do Simpósio: a divisão das áreas de ensino e estudo, os processos de docência, os métodos de trabalho, o relacionamento entre docentes e discípulos. A estrutura do ensino universitário, em suma (1). Mas, no meio dos debates, “uma alegria inolvidável”: a fundação da Associação dos Professores Universitários de História (APUH), processada numa das sessões plenárias. Palavras que bem traduzem o sentimento e o estado de espírito dos fundadores dessa agremiação, Eurípedes à frente: alegria inolvidável !

Estava lançada a semente, para que frutificasse no II Simpósio, levado a efeito em Curitiba, no ano seguinte. Com este Simpósio começavam a tomar feição nova os encontros promovidos pela ANPUH, em cujas sessões passaram a ser apresentadas comunicações sobre temários previamente assentados, o que ensejava a divulgação de pesquisas em andamento, por parte dos investigadores; e, por outro lado, outras tantas sessões foram reservadas a comunicações referentes ao arrolamento de fontes e à discussão de problemas metodológicos.

(1) Cf. ANAIS do I Simpósio dos Professores de História do Ensino Superior, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Marília, 1962.

Abarcavam-se, pois, todas as áreas de investigação histórica que interessam ao magistério, enquanto periodicamente se propiciava aos professores a oportunidade de reforçar velhas amizades, de ganhar novas relações, de enriquecer as experiências próprias, no fecundo comércio das idéias, de aguçar o espírito crítico, ao calor de sadias divergências. Conviver e discutir, produzir e criticar, superiormente. “A História como resultante do esforço conjugado”, lembrou o Prof. Eduardo d’Oliveira França. (2) Esta, a nosso ver, uma das mais eficazes finalidades da ANPUH.

Ao Simpósio de Curitiba, seguiram-se mais sete, ampliando-se progressivamente o concurso de participantes e a diversidade das comunicações. Quem se der ao trabalho de analisar os Anais dos sucessivos Simpósios, até agora realizados por essa entidade, constatará, malgrado as inevitáveis desigualdades, a riqueza de conteúdo histórico, a variedade das investigações, a massa de material informativo, que encerram esses prestigiosos volumes. A simples menção dos temas versados atesta a justeza desta apreciação: propriedade e regimes de terras; trabalho artesanal, manufatura, indústria; colonização e migração; portos, rotas, comércio; trabalho livre e trabalho escravo; a cidade e a História; a propriedade rural; o homem e a técnica. E justo é proclamar que se deve incontestavelmente a Eurípedes a publicação regular e ininterrupta desses Anais, pois que ele ordenava os textos, promovia a impressão, corrigia provas tipográficas e até respondia por encargos financeiros, sempre que necessários. Tudo isto, depois de haver esbanjado esforços e fadigas, na montagem dos Simpósios, dos ciclos de seus cursos, conferências e comunicações, sempre contando com a indefectível cooperação da Profa. Maria Regina da Cunha Rodrigues Simões de Paula, sua dedicada esposa e seu braço direito, nas lides pela História. Por isso, vencido o período da primeira Diretoria da ANPUH, instalado o seu primeiro Núcleo Regional em São Paulo, do qual Eurípedes foi o arquiteto e primeiro Presidente, tendo eu tido o privilégio e o júbilo de ser o seu secretário, ascendeu ele à presidência da entidade nacional e foi reconduzido a esse cargo em sucessivas reeleições, mantendo-se nele até o dia nefasto do seu inesperado falecimento. Oxalá possam os que lhe recolheram o legado arcar com o pesado ônus e a responsabilidade de assegurar a continuidade da ANPUH.

De tal modo ficou a sua passagem marcada nos cargos que exerceu, nas empreitadas que levou a termo, que não nos podemos habituar à sua falta e temos, a cada momento, a impressão de vê-lo aparecer ao longo de um

(2) França, Eduardo d’Oliveira — *Homenagem da Congregação à Memória do Professor Dr. Eurípedes Simões de Paula*, p. 14, USP, São Paulo, 1977

corredor ou através de uma porta da nossa Faculdade, a qual foi a essencial razão de ser da sua existência. Estava ele em franca atividade, e na plena posse de suas faculdades intelectuais e de sua energia moral, quando a morte inopinada veio roubar ao nosso convívio um dos maiores cultores e animadores dos estudos históricos, no país. O seu desaparecimento nos deixou a nós, seus amigos de sempre, a amarga sensação de uma ausência penosa e, ao mesmo tempo, a consoladora certeza de uma presença imperecível.

*

A UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS E OS SIMPÓSIOS DE HISTÓRIA

À memória de Eurípedes Simões de Paula

Odilon Nogueira de Matos

A idéia de reunir os professores universitários de História de todo o país para o debate de uma série de problemas que então se configuravam face a uma anunciada reforma do ensino universitário surgiu em 1961, partindo a iniciativa da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, na época instituto isolado de ensino superior do Estado e atualmente integrada na Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho. Embora distinguido com honroso convite para ser um dos conferencistas da reunião de Marília (distinção que não foi tanto a mim, mas à Universidade Católica de Campinas, que lá representaria), não me foi dado comparecer por motivo de doença em pessoa de minha família. Tomando conhecimento, entretanto, do que se debateu nessa reunião pioneira, através de colegas que dela participaram e lendo posteriormente os seus **Anais**, senti — e comigo todos os professores de História — que a reunião de Marília poderia ser, como efetivamente o foi, o primeiro passo para um empreendimento de âmbito nacional, cada vez mais reconhecido e considerado no panorama cultural do país, mesmo fora do ambiente universitário. De fato, na reunião de Marília foi decidida a fundação da Associação dos Professores Universitários de História (APUH), bem como a realização periódica de simpósios, marcando-se o segundo já para o ano seguinte em Curitiba. A expansão da APUH, com sócios em quase todos os estados, justificou, no simpósio de Goiânia, em 1971, a alteração de seu nome, com a inclusão da palavra **Nacional**, passando a denominar-se, pois, Associação Nacional dos Professores Universitários de História, com a sigla igualmente alterada para ANPUH.